


O Parque Anauá sob uma análise multifuncional no contexto urbano de Boa Vista


El Parque Anauá bajo un análisis multifuncional en el contexto urbano de Boa Vista

The Parque Anauá under a multifunctional analysis in the urban context of Boa Vista


Angélica P. Triani

Graduanda no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Roraima - UFRR
E-mail: angelicatriani@outlook.com  orcid.org/0000-0001-9739-1172


Cibele C. A. Paz

Graduanda no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Roraima – UFRR
E-mail: cibelecampos.a@hotmail.com  orcid.org/0000-0002-3562-4468

Paulina O. Ramalho

Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural (2012). Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Roraima – UFRR. Coordenadora do Laboratório de História da Arquitetura e do Urbanismo
E-mail: paulina.ramalho@ufr.br  orcid.org/0000-0002-4125-7246

Kelly C. R. Oliveira

Mestre em Estruturas e Construção Civil (2014). Docente no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Roraima – UFRR
E-mail: kelly.oliveira@ufr.br  orcid.org/0000-0003-3163-4850

RESUMO

O artigo tem por finalidade destacar as relações que as obras arquitetônicas e o paisagismo do Parque Anauá exercem no contexto atual da capital de Roraima, levando-se em conta as alterações de sua proposta inicial, datada de 1980, que influenciaram em sua presente utilização. Considerado como maior parque urbano da região Norte, o mesmo se sobressai no contexto urbano de Boa Vista por seu conjunto arquitetônico representativo da Arquitetura Moderna roraimense, composto por antigos e novos edifícios de evidente plasticidade, resultantes da integração entre materiais típicos da região, como a madeira acariquara, com o posterior uso do concreto e aço. Ademais, a ênfase e a compreensão dessas obras arrojadas se fazem necessárias para ilustrar o elo que as mesmas formam com a natureza do local, visando revelar sua intrínseca significância na correlação entre os âmbitos sociais, paisagísticos e arquitetônicos. O estudo foi realizado por meio de revisão bibliográfica, registros fotográficos e entrevistas que apontam a expressiva potencialidade do parque para a população boa-vistense. Desse modo, a relevância desse trabalho se faz pelo levantamento de análises sob diversos parâmetros de um dos mais importantes espaços públicos de Roraima.

Palavras-chave: Parque Anauá; Arquitetura Moderna; Roraima; Paisagismo em Roraima.

RESUMEN

El propósito del artículo es destacar las relaciones que ejercen las obras arquitectónicas y el paisajismo del parque Anauá en el contexto actual del capital del Roraima, teniendo en cuenta los cambios de su propuesta inicial, de fecha 1980, que influyó en su uso actual. Considerado como el más grande parque urbano de la región Norte, el mismo se destaca en el contexto urbano de Boa Vista por su conjunto arquitectónico representativo de la arquitectura moderna de Roraima, compuesto por edificios antiguos y nuevos de evidente plasticidad, resultante de la integración entre los materiales típicos de la región, como la madera acariquara, con el uso posterior de hormigón y acero. Por otra parte, el énfasis y la comprensión de estas obras audaces son necesarios para ilustrar el vínculo que forman con la naturaleza del sitio, con el objetivo de revelar su significado intrínseco en la correlación entre las áreas sociales, paisajísticas y arquitectónicas. Para ello, el estudio se realizó mediante revisión bibliográfica, registros fotográficos y entrevistas que apuntan a la potencialidad expresiva del parque para la población de Boa Vista. Así, la relevancia de este trabajo se realiza mediante la encuesta de análisis bajo varios parámetros de uno de los espacios públicos más importantes de Roraima.

Palabras clave: Parque Anauá; Arquitectura moderna; Roraima; Paisajismo en Roraima.

ABSTRACT

The purpose of the article is to highlight the relationships between the architectural works and the landscaping of the Parque Anauá in the current context of the capital of Roraima, taking into account the changes of its initial proposal, dated 1980, which influenced in its present use. Considered as the largest urban park in the Northern region, the same stands out in the urban context of Boa Vista for its architectural ensemble representative of the modern architecture of Roraima, composed of old and new buildings of evident plasticity, resulting from the integration between typical materials of the region, such as acariquara wood, with the posterior use of concrete and steel. Moreover, the emphasis and understanding of these bold works are necessary to illustrate the link that they form with the nature of the site, aiming to reveal its intrinsic significance in the correlation between the social, landscape and architectural areas. For this, the study was carried out by means of bibliographical revision, photographic records and interviews that point to the expressive potentiality of the park for the population of Boa Vista. Thus, the relevance of this work is done by the survey of analyses under several parameters of one of the most important public spaces of Roraima.

Keywords: Parque Anauá; Modern Architecture; Roraima; Landscaping of Roraima.

O Parque Anauá é um complexo multifuncional cuja estrutura comporta atividades esportivas e culturais, além de ser um espaço representativo da paisagem pertencente à ecorregião denominada “Savana das Guianas”, parte do Bioma Amazônia, denominada localmente de lavrado. Com área de 106 hectares, o parque possui localização lindeira ao eixo de ligação entre a Praça do Centro Cívico e o aeroporto internacional da cidade, o que garante-lhe importante inserção no cenário urbano.

A construção do Parque se efetivou entre os anos de 1981 e 1983. No entanto, sua conformação recebeu várias intervenções subsequentes, de forma que podemos dividir sua história em dois momentos: o do projeto e o posterior, com destaque para o período de gestão do brigadeiro Ottomar de Sousa Pinto, que ocorreu de 1979 a 1983. Os dois períodos, no entanto, se relacionam com o contexto social, econômico e político que se articulou em torno da criação do estado de Roraima, nomeadamente a implementação de sua infraestrutura, em especial a partir da segunda metade da década de 1960.

O presente artigo visa analisar o Parque Anauá e as interfaces que este estabelece no atual contexto da cidade de Boa Vista.

Para tanto, apresentaremos seu processo histórico, evidenciando-se seu período de implementação a partir de uma política oficial; as intervenções posteriores, que configuraram uma nova dinâmica; e as relações que, atualmente, se processam com e nesse espaço. Para a consecução do objetivo proposto, realizamos pesquisa bibliográfica e documental, conjugada com dados coletados em campo. Desse modo, o panorama traçado destaca as obras arquitetônicas e a dinâmica de uso do parque, as quais discutiremos a seguir.

Parque Anauá: história e processo de implementação na paisagem de Boa Vista

O Parque Anauá é um importante elemento na paisagem de Boa Vista e sua criação insere-se nos processos de estruturação do Território Federal de Roraima, posteriormente estado de Roraima, ocorridos no final da década de 1970 e início de 1980. Para a sua implementação foi selecionada uma região de campos abertos, denominados localmente de lavrado, que já desempenhava funções ligadas a práticas esportivas e de lazer. De fato, a ocupação desta área remonta a década de 1930, quanto esta pertencia a uma família denominada *Campos*, que, em virtude da presença de um lago pe-

rene, a denominou de *Lago dos Campos*. Na década de 1940, o *Lago dos Campos* foi adquirido por um inglês, de sobrenome Gorinski, anteriormente residente na então Guiana Inglesa. Em 1947, o local foi comprado por Mr. Black e sua esposa, chamada Miss Beverly (NASCIMENTO; PAZ, 2018).

Na década de 1940, sobre Boa Vista incidiam uma série de medidas destinadas a dotá-la da infraestrutura necessária para desempenhar sua função de cidade capital. Nesse sentido, diversas obras foram realizadas, assim como buscou-se estruturar administrativamente o Território (VERAS, 2009). Assim, funcionários públicos e trabalhadores da construção civil também proporcionaram o aumento da população, assim como demandaram novos serviços, incluindo os de lazer. Nesse contexto, a área do lago tornou-se muito frequentada. Miss Beverly, percebendo tal fato, efetuou a construção de um estabelecimento, embora incipiente, que desempenhava a função de boate/restaurante. O lago transformou-se, assim, em área de lazer e esporte, e passou a ser denominado de *Lago dos Americanos* (LIMA, 2011), tornando-se referência para a vida social da cidade. No entanto, por ser estrangeiro, a Mr. Black foi negada a legalização de sua condição de

proprietário do lago e adjacências, que passou a ser propriedade municipal.

A partir da segunda metade da década de 1960, a Amazônia e suas fronteiras tornaram-se proprietárias para o governo federal, e o Território Federal de Roraima foi alvo de políticas na área de infraestrutura, visando à segurança nacional. Nesse contexto, o tenente-coronel Hélio da Costa Campos, que exerceu dois mandatos (1967-1969) e (1970-1974), realizou diversas obras (SOUZA; VIEIRA, 2009) e tomou medidas que mudaram a paisagem de Boa Vista, como a doação de uma área para a Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero), excluindo desta o espaço do *Lago dos Americanos*, para atender a uma demanda popular. Sendo assim, este espaço passa a ser arrendado, sendo utilizado para atividades sociais, como a prática de esportes e recreação (NASCIMENTO; PAZ, 2018).

Ao suceder Hélio Campos, o governador Coronel Fernando Ramos Pereira (1974-1979) deu prosseguimento ao processo de estruturação do Território e sua capital (SILVA, 2015). Dentre as obras, destacamos as realizadas no atual Parque Anauá, que resultaram em suas primeiras instalações de cunho governamental, compostas de uma quadra de tênis, uma quadra

para a prática de vôlei e duas pistas para aeromodelos.

O Parque Anauá atualmente está inserido na área central de Boa Vista. Entretanto, a área era periférica até o fim da década de 1970 (Figura 1), quando o governador Ottomar de Souza Pinto lança um concurso para projetos, visando sua dotação de equipamentos e infraestrutura. Em relação ao plano urbanístico de Boa Vista, elaborado na década de 1940, o parque situava-se fora do seu perímetro, mas contíguo a ele. O plano, radioconcêntrico, foi plenamente ocupado apenas no final da década de 1960, tendo o seu traçado sido abandonado.



Nas últimas décadas o crescimento da cidade se processa de forma desordenada e desigual, em sentido oposto ao Parque, contribuindo para o surgimento de bairros com precárias condições infraestruturais, notadamente aqueles resultantes de invasões. Outra grave consequência dessa rápida urbanização é o avanço sobre as

áreas de proteção ambiental e outros espaços inadequados para a ocupação. Esse contexto aumentou a demanda por serviços públicos (escolas, hospitais, etc.) e pela implantação de equipamentos urbanos como redes de água e esgotos, calçamento das ruas, instalação da iluminação, etc. (VERAS, 2009; SOUZA; SILVA, 2006).

No que diz respeito à ambiência paisagística do Parque Anauá, esta conforma-se a partir de atributos típicos presentes no lavrado, termo local utilizado para referir-se às savanas roraimenses. Assim, o mesmo localiza-se em uma área aberta (não-florestal), de relevo plano, composta de espécies arbóreo-arbustivas, com a presença de um lago perene (Figura 2).

Como podemos observar o Parque, além do acesso a equipamentos esportivos e culturais, propicia o contato com um rico ecossistema, único no Brasil. Porém, este aspecto, atualmente, encontra-se desconsiderado nas intervenções realizadas.

O projeto de Otacílio Teixeira Lima Neto

O processo de estruturação do Parque Anauá ganhou contornos mais nítidos e sistemáticos na gestão de Ottomar de

Figura 1 - Evolução do espaço urbano de Boa Vista: décadas de 1920-1980.
Fonte: VERAS, adaptado.

Figura 2 - Lago do Parque Anauá.

Fonte: Skyscrafercity.



Sousa Pinto (1979-1983), através da promoção de um concurso, denominado Primeiro Concurso Público de Anteprojeto para o Parque nº 01/80. Este concurso demandava a elaboração de pranchas e memorial a serem entregues pelos concorrentes. Apesar de contar com seis inscritos, foram apresentadas apenas as propostas de Otacílio Teixeira Lima Neto, arquiteto e urbanista cearense, e do escritório paraense DPJ Arquitetos Associados (NASCIMENTO et al., 2018), atualmente nomeado DPJ Arquitetura e Engenharia.

O projeto de Lima Neto foi contemplado e tencionava “preencher o vazio urbano em termos de opções de lazer, esporte, educação e cultura” (LIMA NETO, 1989, p. 116). Para tanto, elaborou diferentes tipos de elementos, como um pórtico de

entrada, bares e restaurantes, anfiteatro e centro cultural, administração, escolas de primeiro grau e de educação especial, ancoradouro/cais e estação de bondinho. Para este último foi proposta uma via interna, ao longo da qual estariam dispostos os serviços ofertados.

No que se refere ao partido arquitetônico, este tomou como referência a arquitetura vernacular, de modo que o Parque se tornasse “uma espécie de mostruário da força e da imponência da madeira da mata” (LIMA NETO, 1989, p. 117), estabelecendo um diálogo formal com as malocas, pertencentes a arquitetura indígena local. Assim, materiais como o concreto, a madeira e a palha se conjugavam, estabelecendo uma identidade única para o projeto (NASCIMENTO; PAZ, 2018).

A escassez de materiais de construção e mão-de-obra foi uma constante no Território, e também afetou o andamento das obras no Parque Anauá. De acordo com Lima Neto (1989), os materiais também eram de baixa qualidade e trazidos de fora, por meio de péssimas estradas. Desse modo, foi necessário que o governo criasse uma fábrica de ladrilhos hidráulicos e contratasse trabalhadores em Fortaleza. Com relação à madeira empregada nas edificações, a acariquara (*Minquartia guianensis*) foi a espécie escolhida por ser considerada eficiente estruturalmente, resistente às intempéries e de fácil manutenção (NASCIMENTO et al., 2018). Lima Neto também destacou as qualidades da madeira escolhida, pois “os nativos dizem que ela não apodrece; os cupins fazem ninho em seu tronco e comem de outro lugar.” (LIMA NETO, 1989, p. 117). Contudo, algumas estruturas em madeira não resistiram à falta de manutenção ao longo dos anos, como as edificações da Escola de Primeiro Grau e da Escola de Educação Especial.

A madeira, constante no projeto, não encontrava-se presente apenas no Pórtico de Entrada e no Anfiteatro, que adotaram o uso do concreto armado, por razões funcionais (NASCIMENTO; PAZ, 2018). Estas estruturas ainda en-

contram-se presentes, sendo o pórtico um elemento importante para a identidade visual do parque.

Intervenções posteriores ao projeto original

Nos mandatos seguintes de Ottomar de Sousa Pinto, ao longo das décadas de 1980 e 1990, novas estruturas foram introduzidas no contexto do parque, como o Forródrômo, o Ginásio Poliesportivo Vicente Ítalo Feola, popularmente conhecido como Totozão, a Praça Interativa e o Parque Aquático, sendo esta última proposta inserida também em outros pontos da cidade. Essas construções foram elaboradas pela antiga Secretaria de Obras e Serviços Públicos – SOSP, atual Secretaria de Estado de Infraestrutura (SEINF). Além disso, elementos como pistas para kart, bicross, motocross, patins, skate e aerodelismo foram agregadas no perímetro do local (QUADROS, 2016, p. 60). As obras arquitetônicas inseridas nesse período destoam daquelas que foram idealizadas por Lima Neto, pois, além dos novos materiais utilizados, percebe-se também uma nova linguagem na arquitetura regional que representou o momento vivido pela capital: o surgimento de um novo estado da federação e a necessidade de desen-



Figura 3 - Museu Integrado de Roraima, localizado no Parque Anauá.
Fonte: Autoras.

volvimento da infraestrutura na região. Os anos seguintes foram marcados por intenso fluxo migratório para Roraima, que desencadeou uma acelerada edificação de diversas obras públicas, que visavam atender a massa populacional que se formava no estado.

Quanto às construções anteriores, pertencentes ao projeto, estas sofreram modificações ou não existem mais. No anfiteatro, as alterações se deram com a demolição do palco e camarins, bem como a abertura de salas abaixo da arquibancada, de forma que os espaços subutilizados fossem aproveitados. Ao antigo conjunto de bares, construído próxima à entrada do parque, foi dado novo uso, sendo hoje a base da Companhia Independente de Policiamento Ambiental de Roraima. As observações in lócus demonstraram que o Museu Integrado de Roraima (MIRR), com área construída

de 750 m², apresenta diversas patologias em suas peças principais de sustentação e cobertura, testemunhando um avanço significativo da deterioração da edificação pela falta de manutenção, o que provocou no seu desuso (Figura 3).

As novas intervenções no Parque Anauá demarcam a difusão de novos materiais, como o aço e o concreto, nas construções do Estado. O Forródromo, por exemplo, é composto por um amplo palco coberto com telha metálica suspensa por uma estrutura espacial treliçada de aço, apoiada em cinco pontas de maneira que, quando vista de cima, assemelha-se ao formato de uma estrela (Figura 4).

Em entrevista com os arquitetos que integravam a antiga SOSP, a forma estrelar do Forródromo foi inspirada no slogan do governo Nossa terra, nossa estrela, sendo o mesmo delineado repetido nos elementos da Praça Interativa. Dessa forma, a obra carrega não só seu significado estético e funcional, como também político, uma vez que, quase sempre, existe uma estreita dependência entre arquitetura e contexto político (ZEVI, 2009). Além disso, o nome Forródromo foi escolhido por representar um espaço destinado ao público para apresentações de forró, uma vez que a maior parte dos imi-



Figura 4 - Forródro do Parque Anauá
Fonte: Skyscrafercity.

grantes em Roraima provinha da região nordeste do país. Como afirma Schnaidt (apud FRAMPTON, 2008), o início do movimento moderno foi marcado por profissionais que defendiam uma arquitetura que deveria ser uma arte do povo para o povo.

Outro exemplo de marco arquitetônico inserido no mesmo período foi o Ginásio Totozão, que inovou não só por meio da exploração do aço em estrutura de cobertura semelhante ao Forródro, mas também pelo aproveitamento das qualidades plásticas do concreto, que possibilitou, através do traçado de seus pilares, a inserção de novos delineados curvilíneos na arquitetura roraimense (Figura 5). Para mais, a cooperação entre as estruturas de aço e concreto viabilizou a separação da cobertura da alvenaria de vedação, ge-

rando espaços abertos que promovem o aproveitamento da ventilação natural e proteção da insolação direta por meio dos seus beirais.

Logo, nota-se que enquanto o projeto de Lima Neto buscava simbolizar a arquitetura nativa da região, tanto por meio da escolha dos materiais como pelo desenho arquitetônico, as edificações elaboradas pelos arquitetos pioneiros no Estado estamparam o processo de modernização da nova unidade federativa, o que deu início a uma nova linguagem na arquitetura roraimense. Contudo, esse processo contribuiu para o esquecimento e deterioração das obras de Lima Neto, representando uma perda significativa para a história e arquitetura do parque.



Figura 5 - Ginásio Totozão
Fonte: Autoras, 2018.

Atualmente o museu passa por reforma, mas não temos informações quanto à preservação do projeto original. Ademais, encontram-se obras em andamento no seu entorno que não dialogam com o mesmo, a exemplo a sede do Instituto de Amparo à Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de Roraima – IACTI, que foi projetada em estrutura de alvenaria de blocos cerâmicos preenchidas com paredes de reboco, coberturas em estrutura metálica, telhas de fibrocimento, e plati-banda na fachada.

Contudo, sabe-se da existência de um projeto em curso para a revitalização de um espaço na ala oeste do Parque que, em sua primeira fase, objetiva construir uma área para ciclismo, local para caminhada, campo de futebol sintético e de grama, academia para idosos, ilu-

minação inteligente, reestruturação de calçadas, playground para crianças e um restaurante. Este projeto tem valor estimado em 14 milhões de reais em emenda parlamentar por meio do Ministério do Esporte, com a previsão, em sua segunda etapa, da construção de uma pista de atletismo. Entretanto, a obra não tem nenhum estudo de maneira a integrar as novas intervenções aos demais espaços existentes, quanto a materiais ou linguagem arquitetônica.

Todavia, enquanto esse projeto se encontra em fase de construção, as áreas voltadas para o esporte, como as quadras de tênis e vôlei e as pistas para aeromodelos, mantêm sua funcionalidade, mesmo diante da ausência de manutenção desses espaços. Isso se deve à resistência dos materiais que foram utilizados na constru-

ção dos mesmos, constituídos pela junção de cimento, areia, pedras e aço. Essa composição do concreto também utilizada no Ginásio Totozão não apresentou igual conservação, decorrendo no atual abandono e desuso do espaço, o que significa uma grande perda para as práticas esportivas do estado.

A relação entre a Arquitetura e o Homem no Parque Anauá

Após o último mandato de Ottomar de Souza Pinto (2007), o Parque Anauá passou por um período de abandono e degradação que é comum, porém não admissível, nas trocas de governo do Estado. O espaço passou a ser menos frequentado pela população, em parte devido ao crescimento da violência na região e da precariedade de seus edifícios. Por outro lado, essa realidade atinge diversos espaços públicos brasileiros, sintoma de uma nova relação da população e do poder público com essas áreas.

Nelson Popini Vaz (2009), analisando as mudanças no uso do espaço público, nos aponta tendências que podem ser verificadas na relação da população de Boa Vista com o Parque Anauá, as quais apontaremos a seguir. Para ele, o crescimento rápido das cidades médias bra-

sileiras impactou nas práticas de sociabilidade aí existentes e nos antigos lugares de convívio social, dentre os quais ruas, praças, parques e jardins. O adensamento das atividades urbanas, a intensificação da circulação e os novos meios de comunicação resultaram em mudanças na paisagem urbana. Antes locais de permanência e usufruto, os lugares públicos tornaram-se, normalmente, apenas espaços de circulação, locais de passagem entre um ponto e outro da cidade. As ruas, as praças e parques, por exemplo, não são vistos como espaços de todos, mas espaços de ninguém. Assim, o espaço público é apresentado como o lócus da violência, em contraposição ao ambiente privado. Jane Jacobs (2009) também aponta que os parques precisam das pessoas para que possam manter sua razão de ser. De fato, ao longo dos anos, o Parque Anauá sofreu um processo crescente de esvaziamento, tornando-se uma área violenta. Como em um ciclo vicioso, as pessoas frequentavam menos o parque, tornando-o mais violento. Além disso, por anos o Parque Anauá, que possui uma estrutura múltipla, ligou-se, basicamente, a uma só atividade, nomeadamente a utilização do Forró-dromo para shows, principalmente durante as Festas Juninas, ficando vazio a maior parte do dia e do ano. Além disso, com o rápido crescimento da cidade

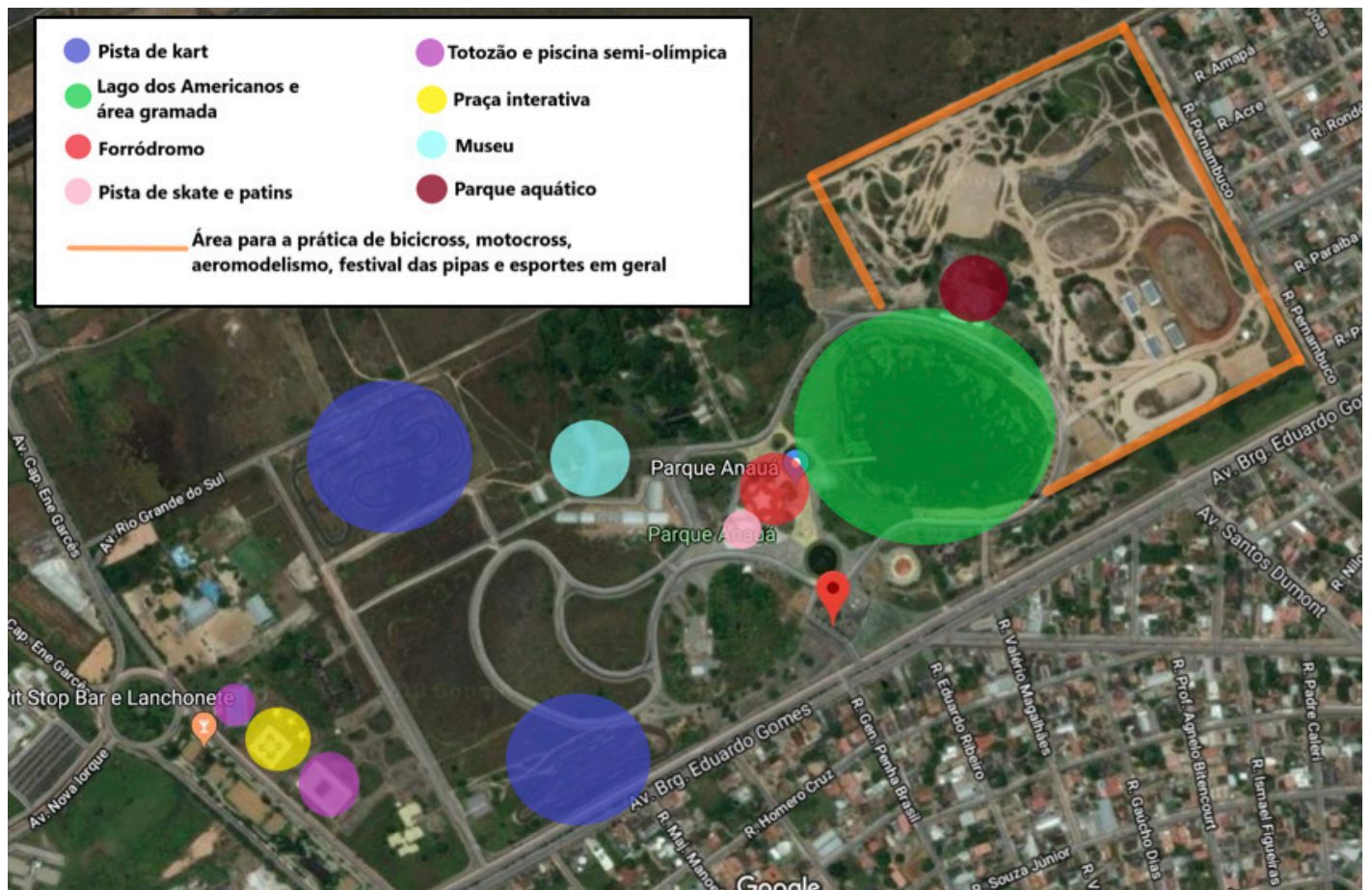
de Boa Vista, o entorno do Parque passou a apresentar homogeneidade econômica e sociocultural, que repercutiu nos horários e na forma de utilização do mesmo. Para Jacobs (2009), é a diversidade econômica e social que possibilita a existência de usuários com horários diferenciados para frequentar esses lugares, mantendo-os sempre movimentados. Sendo assim, é necessário o fluxo de pessoas para conservar um espaço público vivo. Nesse processo é fundamental a adoção de atividades menores que estimulem seu usufruto constante por parte da população. A multiplicidade de usos proporcionada às pessoas sustentam os parques.

O esvaziamento do uso e a deterioração das condições de permanência no Parque Anauá foram questionadas por diversos setores da população, como explicitado em matérias de jornais. Desse modo, em meados de 2014 o parque passou por um processo de revitalização que objetivou a recuperação do Lago dos Americanos e o policiamento interno do local. Como consequência, o lugar voltou a receber intenso fluxo populacional, principalmente aos finais de semana, para a prática de atividades esportivas e de lazer.

Desde que a comunidade voltou a se apropriar do parque, o mesmo se tornou um espaço vivo, no qual são exercidas atividades que reforçam o convívio social e as práticas de cidadania. Aos finais de semana tornou-se comum a prática de esportes nas pistas próximas ao Forró-dromo, piqueniques ao redor do lago, e festival de pipas e concursos de motocross na área leste. Ao longo do Anauá também estão dispostas diversas barracas mantidas por comerciantes locais, bem como bares e restaurantes próximos a ala leste. Além disso, outras programações, como o arraial do estado e a ExpoaRRte, uma feira permanente de artesanato que proporciona geração de emprego e renda para os artesãos regionais, são sediadas no parque (Figura 6).

De acordo com Zeeman (*apud* VOORDT, WEGEN, 2013), as funções de uma edificação podem ser divididas em quatro tipos: protetora, territorial, social e cultural, sendo as duas últimas definidas como

Função social: As edificações criam espaços e lugares nos quais os indivíduos podem cumprir de modo ótimo as suas atividades. Aqui, os elementos primários são saúde, bem-estar, comunicações e qualidade de vida.
Função cultural: A edificação também deve atender a exigências ligadas à forma e ao caráter do ambiente



espacial. A função cultural envolve fatores estéticos, arquitetônicos, ambientais e de planejamento e desenho urbano. A cultura também inclui a noção de civilização, e uma das suas consequências é que as edificações e as atividades que elas abrigam não devem causar incômodo nem prejudicar o meio ambiente. (VOORDT; WEGEN, 2013, p. 9)

Como no Parque Anauá são realizadas atividades humanas comunitariamente determinadas, o mesmo recebe um significado social e exerce a terceira e a quarta função citada por Zeeman.

Portanto, pode-se definir a qualidade funcional da edificação como em que medida ela oferece um nível adequado de apoio às atividades desejadas, cria um clima interno agradável, tem significado simbólico ou cultural positivo e contribui para o retorno econômico favorável e uma proporção otimizada entre preço e desempenho (VOORDT; WEGEN, 2013, p. 11).

Enquanto o Anauá apresenta o exercício de seu papel social e cultural, não se pode dizer que o mesmo manifesta toda sua qualidade funcional, uma vez que muitos espaços do parque ainda se en-

Figura 6 - Mapa de usos do Parque Anauá.
Fonte: Google maps (adaptado pelas autoras).

contram em desuso e degradação, como o parque aquático, o ginásio, a praça interativa e o museu. Assim, “a vivência da qualidade origina-se no confronto entre o indivíduo e o objeto, a edificação ou o lugar” (VOORDT; WEGEN, 2013, p. 15) e sem ela não se pode exercer a intrínseca relação entre a arquitetura e o homem, a fim de evidenciar o motivo para o qual aquelas obras foram idealizadas.

No que se refere às intervenções em andamento propostas para o Parque, esperamos que estas não sigam o modelo da política urbana atual verificada em outras áreas da cidade, que configuram atualmente uma padronização dos projetos para os espaços públicos, em especial as praças. Diversas praças foram “remodeladas” e “modernizadas” a partir de modelos exógenos, sem que a população usuária fosse ouvida. Com relação a essa prática atual relacionada aos espaços públicos, Vaz aponta que “os estudos acerca do comportamento dos usuários desses lugares e dos ritos de interação exercidos em público, quando existem, parecem ser pouco considerados pelos projetistas e outros agentes da intervenção” (2009, p. 9). Nesse cenário predominam pressupostos ditos técnicos, dentro de uma ótica funcionalista, que desconsidera

o processo e se foca no momento, sem questionar os padrões, que consideram: os espaços públicos como dispositivos de um sistema invariável de práticas, referenciado nos padrões de um modo de vida de determinada classe social. Nessa concepção, o comportamento do indivíduo integra um conjunto definido e invariável de práticas cotidianas, reduzindo a relação do cidadão com o espaço urbano a esquemas abstratos (VAZ, 2009, p. 9).

A partir desses exemplos advogamos que as interações entre os usuários e entre estes e o espaço do Parque Anauá sejam efetivamente considerados, fugindo de esquematismos formais e reducionistas. O Parque, atualmente, é frequentado por diferentes segmentos sociais, e essa pluralidade econômica e social deve expressar-se em sua política de uso e conservação.

Considerações finais

O Parque Anauá representa um dos principais marcos da arquitetura roraimense, seja por meio do seu projeto original que ressaltou a cultura local e a utilização de materiais típicos da Amazônia, como pela inserção de novos elementos que caracterizaram um novo período na produção arquitetônica do Estado, que mesmo

destoando da linguagem estética primária não deixou de servir como espaço orgânico para as práticas sociais. Além disso, é também ambiente que ressalta o paisagismo local e promove a aproximação do homem com a natureza, sendo as suas obras arquitetônicas pioneiras intrinsecamente interligadas com o contexto natural denotado pelo lavrado.

O conjunto de edificações que compõem o parque apresentam a associação da funcionalidade com a semântica arquitetônica, na qual a gramática se dá pelas proporções, pelo ritmo, pela simetria e por outras características que representam a extensão personificada dos arquitetos e dos observadores. Logo torna-se espaço humanizado, capaz de despertar variadas

sensações no público que o frequenta, aproximando a arquitetura do usuário.

Todavia, o Parque Anauá apresenta potencial para melhor desenvolver sua qualidade funcional. Esta pode ser definida de acordo com o apoio que a área oferece para a realização das atividades desejadas, além de ter significado simbólico ou cultural positivo e contribuir para o retorno econômico favorável (VOORDT; WEGEN, 2013). Até certo ponto isso se faz presente no Anauá. Contudo é necessária a revitalização do ambiente como um todo, a fim de possibilitar a realização de todas as atividades sociais que o parque apresenta competência de abrigar.

Referências

ALEX, Sun. *Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

ARAÚJO, Maria Aparecida de M. et al. Hydro-edaphic conditions defining richness and species composition in savanna areas of the northern Brazilian Amazonia. *Biodiversity Data Journal* 5: e13829. Disponível em: <https://bdj.pensoft.net/articles.php?id=13829>. Acessado em 22 de jun. de 2018.

CAMPOS, Ciro (org.). *Diversidade socioambiental de Roraima: subsídios para*

debater o futuro sustentável da região. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

CAMPOS, Ciro; PINTO, Flávia; BARBOSA, Reinaldo Imbrozio. O lavrado de Roraima: importância ecológica, desenvolvimento e conservação na maior savana do Bioma Amazônia. *Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia*. 2008. Disponível em http://agroeco.inpa.gov.br/reinaldo/RIBarbosa_ProdCient_Usu_Visitantes/2008Diagnostico_LAVRADO_MMA.pdf. Acessado em 22 de jun. de 2018.

DPJ Arquitetos Associados. *INSCRIÇÃO Nº 6*. Parque Lago dos Americanos. Belém: DPJ Arquitetos Associados, 1980. 23 p. Documento não publicado.

DPJ. *Home page do escritório DPJ Arquitetura e Engenharia LTDA*. Disponível em www.dpjarquitetos.com.br/. Acesso em set. 2017.

FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. Tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica Julio Fischer. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. Tradução por Carlos S. Mendes

- Rosa. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LIMA NETO, Otacílio Teixeira. Anauá: área verde, lazer e cultura para a capital de Roraima. *Projeto*, São Paulo, n. 120, abr. 1989.
- LIMA, Mozarildo Contrera. *Estórias da história do Parque Anauá*. Disponível em: <https://www.flogao.com.br/kontrercass/139777676>. Acesso em dez.2018.
- LINS, Judson W. R. *Unidade de estudos avançados para o lavrado*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2015.
- NASCIMENTO, Claudia H. C.; PAZ, Cibele C. A. Parque Anauá: espaço vivo no coração de Boa Vista/Roraima. *Paisagens Híbridas – Amazônia, Cidades e Jardins*. v.1, n. 2, p. 98-117, 2018.
- NASCIMENTO, Claudia H. C.; PAZ, Cibele C. A.; SANDER, Rafaela C.; ALMEIDA, Suelen C. da S. N.; ROCHA, Rayresson L. da. Projetos para o Parque Anauá, Boa Vista/RR. In: SEMINÁRIO DE ARQUITETURA MODERNA DA AMAZÔNIA, 3, 2018. Belém. *Anais...* Belém: UFPA, 2018.
- PANORAMA da arquitetura cearense. Cadernos Brasileiros de Arquitetura, São Paulo, v. 9-10, abr. 1982. Coordenação da edição: Nelson Serra e Neves. Delberg Ponce de Leon, Otacílio Teixeira Lima Neto Quadros, Lennon Uriel Brito. *Os lugares no/do parque: uma proposta placemaking para o Parque Anauá*. Monografia de conclusão de curso (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2016.
- SEGAWA, Hugo. Arquitetos Peregrinos, Nômades e Migrantes. In SEGAWA, Hugo (Org.). *Arquiteturas no Brasil/anos 80*. São Paulo: Projeto, 1988, p. 9-12.
- SILVA, Amanda Araújo. *O segundo governo Hélio Campos (1970-1974): a política de segurança nacional e desenvolvimento no Território Federal de Roraima*. 2015. 56 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2015.
- SOUSA, Carla Monteiro; SILVA, Raimunda Gomes (orgs). *Migrantes e migrações em Boa Vista: os bairros Senador Hélio Campos, Raiar do Sol e Cauamê*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2006.
- SOUZA, Sônia Suely Soares; VIEIRA, Jaci Guilherme. Roraima: Território Federal sob o Governo Militar (1964-1985). *Textos & Debates*, Boa Vista/RR, v.17, n. 17, p. 65-89, jul./dez. 2009.
- VAZ, Nelson Popini. A praça como dispositivo de interação face a face. Cadernos *Proarq*. Rio de Janeiro, n. 13, p. 8-13, 2009.
- VERAS, Antonio Tolrino de Rezende. *A produção do espaço urbano de Boa Vista - Roraima*. 2009. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. VOORDT, Theo J. M. van der;
- WEGEN, Herman B. R. van. *Arquitetura sob olhar do usuário*. São Paulo: *Oficina de Textos*, 2013.
- ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. Tradução Maria Isabel Gaspar, Gaëtan Martins de Oliveira. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.